



Volume 24

2019

Presidente Prudente/SP

INTERTEMAS	Presidente Prudente	v. 24	329 páginas	2019
------------	---------------------	-------	-------------	------

ISSN 1516-8158 (físico)  
ISSN 2176-848X (eletrônico)

**CENTRO UNIVERSITÁRIO ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO DE PRESIDENTE PRUDENTE**

Reitora e Pró-Reitora Acadêmica: Zely Fernanda de Toledo Pennacchi Machado  
Pró-Reitora Financeira: Maria do Carmo de Toledo Pennacchi  
Pró-Reitora Administrativa: Maria Inês de Toledo Pennacchi Amaral

**REVISTA INTERTEMAS**

Linha editorial: Relações Sociais e Ambientais para uma Sociedade Inclusiva  
Temática: Direitos Humanos, Meio Ambiente e Desenvolvimento  
Periodicidade anual

**EDITORES**

Ana Carolina Greco Paes (TOLEDO PRUDENTE)  
André Simões Chacon Bruno (USP)  
Sérgio Tibiriçá Amaral (TOLEDO PRUDENTE)

**CONSELHO EDITORIAL**

Alfonso Jaime Martínez Lazcano (SNI-CONACYT)  
Daniel Brantes Ferreira (UERJ)  
Dennys Garcia Xavier (UFU)  
Felipe Rodolfo de Carvalho (UNEMAT)  
Haroldo de Araujo Lourenço da Silva (UFRJ)  
Paulo Eduardo D'Arce Pinheiro (TOLEDO PRUDENTE)  
Wladimir Brega Filho (FUNDINOPI)

**EQUIPE TÉCNICA**

Ana Carla dos Santos Barboza (Secretária –TOLEDO PRUDENTE)  
Daniela Mutti (Secretária –TOLEDO PRUDENTE)

**Versão eletrônica**

ISSN 2176-848X

Disponível em: <http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/INTERTEMAS>

**Indexadores e Diretórios**

Latindex folio 14938

Sumários de Revistas Brasileiras código 006.064.819

**Permuta/Exchange/Échange**

Biblioteca "Visconde de São Leopoldo" – TOLEDO PRUDENTE

Praça Raul Furquim nº 9 – Vila Furquim

CEP 19030-430 – Presidente Prudente / SP

**Sítio eletrônico**

<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/INTERTEMAS>

**Contato**

Telefone: +55(18)3901-4004 E-mail: [nepe@toledoprudente.edu.br](mailto:nepe@toledoprudente.edu.br)

Intertemas: Revista da Toledo, v. 24 – 2019

Presidente Prudente: Centro Universitário "Antônio Eufrásio de Toledo".  
2019. 21cm Revista do Centro Universitário Antônio Eufrásio de Toledo  
de Presidente Prudente (SP)

1.Direito – Periódicos CDD – 340.5  
ISSN 1516-8158  
ISSN 2176-848X (eletrônico)

## Sumário/Contents

NOTA AO LEITOR.....	5
UMA BREVE ANÁLISE DO DISCURSO JURÍDICO A PARTIR DE ALGIRDAS JULIEN GREIMAS .....	6
<i>Alexandre Simão de Oliveira Cardoso</i>	
O CONCEITO DE REGRA:UMA ANÁLISE CRÍTICA DA OBRA DE FREDERICK SCHAUER .....	27
<i>Felipe Rodolfo de Carvalho</i>	
RAZÃO TÉCNICA E RAZÃO COMUNICATIVA: AINDA SOBRE O “ROMPIMENTO” DE HABERMAS COM A PRIMEIRA GERAÇÃO DA TEORIA CRÍTICA .....	44
<i>Jonathas Vinicius Figueiredo Moraes</i>	
REVOLUÇÃO NA <i>TERRA PLANA</i> : CINISMO E TRANSFORMAÇÃO ADIADA.....	69
<i>Gabriel Mota Maldonado</i>	
MANIFESTAÇÕES DE 2013 E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018: UMA REVOLUÇÃO QUE NÃO DEU CERTO? .....	87
<i>Ana Carolina Greco Paes</i>	
A EVOLUÇÃO DO CONSTITUCIONALISMO NO BRASIL E NO MUNDO .....	105
<i>Ana Laura Perozo Bortolo</i> <i>Sérgio Tibiriça Amaral</i>	
A FORÇA FORMAL CONSTITUCIONAL DA CONVENÇÃO AMERICANA DE DIREITOS HUMANOS.....	133
<i>Lucas Octavio Noya dos Santos</i>	
A JURISDIÇÃO DA CORTE INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS: AS SENTENÇAS E FORÇA NORMATIVA.....	162
<i>Sérgio Tibiriça Amaral</i> <i>Ellãn Araújo Silva</i>	
A CAPACIDADE DO INCAPAZ NO DIREITO DE FAMÍLIA.....	190
<i>Jesualdo Eduardo Almeida Junior</i>	

INTERTEMAS	Presidente Prudente	v. 24	329 páginas	2019
------------	---------------------	-------	-------------	------

A NATUREZA JURÍDICA DO DIREITO REAL DE LAJE E O DIREITO DE SUPERFÍCIE: UM INSTITUTO CRIADO PELA LEI 13465/17 ..209

*Jacqueline Letícia Stachwski Dalago*  
*Sarah Francine Schiriner*

CONCURSO DE PESSOAS EM ACIDENTE DE TRANSITO: UMA PROPOSTA DA ALTERAÇÃO DO LEGISLATIVA .....231

*Letícia Tavares Rodrigues*  
*Douglas Barbosa da Silva*  
*Guilherme Bittencourt Martins*

SUBORDINACIÓN DE LA DEMOCRACIA INSTRUMENTAL A LOS DERECHOS HUMANOS .....254

*Alfonso Jaime Martínez Lazcano*

LAS ANTINOMIAS DISCIPLINARES EN LA COMPRESIÓN JUDICIAL DE LA PRUEBA EXPERTICIAL ANTROPOLÓGICA .....287

*Jacobo Mérida Cañaverál*

LA PROMESA INCUMPLIDA DE LOS DERECHOS SOCIALES ....300

*Talita Garza*  
*Luís Gerardo Rodríguez Lozano*

## NOTA AO LEITOR

É com grande satisfação que oferecemos aos nossos leitores a 24ª edição da revista INTERTEMAS, que no ano de 2019 comemora 20 anos de existência.

Nessa edição comemorativa, citamos o professor Doutor Sebastião Jorge Chammé, fundador da revista INTERTEMAS, que, versando sobre a mesma, escreveu no ano de 1999 o seguinte: “todos os textos aqui contidos, um a um, estarão revelando ao leitor, a magia que tão bem a linguagem escrita é capaz de revelar”.

Seguimos, inspirados pela lição do Prof. Dr. Chammé, procurando entregar aos leitores artigos que reflitam discussões acadêmicas de qualidade. Todos artigos foram escritos por mestres e/ou doutores, sendo que quatro deles foram acompanhados de discentes orientandos destes pós graduados. A revista INTERTEMAS procura dar voz aos discentes que têm se empenhado em suas pesquisas.

Nesta edição comemorativa, foi dado enfoque à visão crítica do direito, abordada em artigos que tratam sobre a filosofia do direito, direitos humanos e direito civil. Contamos também com três artigos estrangeiros produzidos por pós graduados da Universidade Autônoma do México.

Por fim, buscando ampliar a divulgação e o acesso à pesquisa, esta edição sela a transição das revistas físicas para a plataforma digital como meio de divulgação da revista INTERTEMAS.

Desejamos a todos e todas uma ótima leitura.

A Comissão Editorial

INTERTEMAS	Presidente Prudente	v. 24	329 páginas	2019
------------	---------------------	-------	-------------	------

## **MANIFESTAÇÕES DE 2013 E A ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2018: UMA REVOLUÇÃO QUE NÃO DEU CERTO?**

PAES, Ana Carolina Greco<sup>1</sup>

**RESUMO:** Esta resenha procura analisar a mobilização social de junho de 2013 no Brasil e as eleições de 2018 a partir da perspectiva desenvolvida por Vladimir Safatle sobre o circuito dos afetos na política. Para isso, traçou um breve perfil das manifestações de 2013 e posteriormente tratou sobre o circuito dos afetos com base no autor mencionado. Partiu-se do pressuposto de que existem revoluções que não dão certo, sendo assim, procurou-se refletir sobre alguns motivos que levariam a isso.

**Palavras-Chaves:** Circuito dos afetos; revolução; desamparo

**ABSTRACT:** This review seeks to analyze the June 2013 social mobilization in Brazil and the 2018 elections from the perspective developed by Vladimir Safatle on the circuit of affects in politics. To this end, he outlined a brief profile of the 2013 manifestations and later dealt with the affect circuit based on the author mentioned. It was assumed that there are revolutions that do not work, so we tried to reflect on some reasons that would lead to this.

**Keywords:** Affection circuit; revolution; helplessness

### **1 INTRODUÇÃO**

Em 1989, foi publicado no Brasil uma série de quadrinhos escritos por Allan Moore e desenhados, em grande parte, por David Lloyd, cujo nome era “V de Vingança” (título original: *V for Vendetta*). Os quadrinhos foram adaptados para o cinema em 2005, em um filme com o mesmo nome, dirigido por James McTeigue e produzido por Joel Silve e pelas irmãs Wiachowski. Em linhas gerais, os quadrinhos bem como o filme, passam-se em Londres, em uma sociedade distópica do futuro, sob um regime fascista instalado que mantém o povo unido pelo medo constante do ataque de forças imaginárias alimentadas pela possibilidade de agressões terroristas com armas biológicas

---

<sup>1</sup> Professora. Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e doutoranda em Filosofia e Teoria geral do Direito pela Universidade de São Paulo (USP)

que só poderiam ser neutralizadas pelo governo. Há toques de recolher, vigilância constante, campos de concentração que abrigavam pessoas “indesejadas” pelo governo, pouca liberdade, porém, todo esse cerceamento é justificado e mantido em nome da segurança.

Na estória de V de Vingança, o personagem principal, “V” - um anti-herói - foi vítima e sobreviveu a um dos campos de concentração. A história narra que seu corpo era desfigurado por conta de queimaduras, não se sabe ao certo se foi por conta disso que ele foi mantido no campo de concentração ou se esta alteração se deu no campo. Fato é que, assim que V foge da cela, a nº 5 do campo (algarismo V em romano), ele começa a se vingar dos dirigentes do campo de concentração e, posteriormente, causa uma verdadeira revolução na cidade de Londres e mostra ao povo que é possível viver sem medo. O personagem principal da estória nunca mostra seu rosto, vive coberto por uma máscara inspirada em Guy Fawkes (FLAMINI, 2011, p. 35), soldado inglês, que participou da Conspiração da Pólvora<sup>2</sup>, de 1605. Perto do clímax do filme, o anti-herói profere uma sentença emblemática. Enquanto é alvejado por vários soldados, caminha e diz: “embaixo desta máscara há uma ideia e ideias são à prova de balas.”

A estória escrita por Allan Moore é um convite à reflexão sobre vários temas. Para citar alguns deles temos, o medo como afeto político central que mantém a coesão social; o Estado como aquele que protege e ao mesmo tempo o promove o medo na população; a emergência do sujeito político através da despossessão de todos seus predicados<sup>3</sup> e o convite à revolução por meio da mudança dos circuitos de afetos que animam a sociedade. Todos estes temas foram de alguma maneira tratados na obra “O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo”, de Vladimir Safatle (2018).

---

<sup>2</sup> A Conspiração da Pólvora foi um plano articulado por um grupo de provincianos católicos ingleses liderados por Robert Catesby, que tentou explodir a Câmara dos Lordes, durante a cerimônia de abertura do Parlamento, a intenção era assassinar o Rei Jaime VI da Escócia e I da Inglaterra. O filme V de Vingança faz alusão a este fato histórico em vários momentos.

<sup>3</sup> O anti-herói da estória, que é também o personagem principal, foi à luta, ainda que inicialmente por conta de um forte sentimento de vingança que também serviu como força para revolução, após ter sido totalmente desamparado de todos os seus predicados, o mesmo ocorreu uma outra personagem da estória, Evey, que somente após perder o medo e viver o desamparo entendeu sua força enquanto agente político.

No Brasil houve um fenômeno curioso ligado a essa estória. Nos protestos ocorridos em várias cidades, no ano de 2013, foi possível identificar pessoas utilizando a máscara do anti-herói de V de Vingança. O próprio escritor da estória, que não é afeito a entrevistas, se manifestou a esse respeito e afirmou: “desejo o melhor para os protestos no Brasil. Acho que o que estão fazendo é maravilhoso e espero que isso progrida para uma vitória<sup>4</sup>”.

Passados 5 anos das manifestações populares que movimentaram o Brasil, indaga-se, progredimos para uma vitória? Em 2018, tivemos eleições para escolher os novos dirigentes do poder executivo e legislativo do âmbito federal e estadual e ao que tudo indica, as pretensões revolucionárias desenhadas pelas manifestações de 2013 não se cumpriram em 2018, por que isso pode ter acontecido? Essa é a questão sobre a qual esta resenha procurou refletir. Para isso, partimos da afirmação contundente de Vladimir Safatle sobre as manifestações de 2013, “mas uma coisa é certa: a gente está numa situação em que tudo pode acontecer, inclusive nada<sup>5</sup>”.

Para elaborar a reflexão proposta, tratou-se brevemente sobre as manifestações populares de 2013 e a eleição de Jair Bolsonaro a presidência do Brasil, em 2018. Ressalta-se que neste item não foram pomenorizados fatos pontuais, buscou-se dar uma visão geral dos acontecimentos. Em um segundo momento, houve a reflexão sobre as revoluções que fracassam, partiu-se da afetos que movem o corpo político para tratar sobre o agente político capaz de produzir revolução, esta reflexão foi feita com base na tese de Vladimir Safatle sobre os circuitos dos afetos, sendo este o referencial teórico que norteia a resenha e fornece as bases para a interpretação dos fatos históricos.

---

<sup>4</sup> Estefani Medeiros, Estefani. *Criador de “V de Vingança”, Alan Moore diz que “é maravilhoso o que está acontecendo no Brasil*, UOL. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/29/o-que-estao-fazendo-e-maravilhoso-diz-allan-moore-sobre-protestos-no-brasil.htm>>. Acesso 13 dez 2018.

<sup>5</sup> Vladimir Safatle: *O Brasil sofre de transtorno bipolar*, GAUHAZH. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/06/Vladimir-Safatle-O-Brasil-sofre-de-transtorno-bipolar-4520206.html>>. Acesso em 13 dez 2018.



## 2 MANIFESTAÇÕES POPULARES DE 2013: UMA LATÊNCIA EM EXPLOÇÃO

Em 2013, a população foi às ruas em várias cidades do Brasil. Desde 1992, durante o movimento dos caras pintadas, não se via tamanha mobilização<sup>6</sup>, tudo começou com a indignação popular com aumento de vinte centavos na tarifa do transporte público, porém, as manifestações foram ganhando outra dimensão e as reivindicações não ficaram restritas e relacionadas a esse tema. Leonardo Avritzer (2016, p. 65) afirma que “o ponto de partida das manifestações de junho foi a ruptura do campo político da participação social no Brasil, ocorrida entre 2011 e 2013” . O autor ainda critica o ponto de vista adotado por alguns analistas<sup>7</sup> de que a mobilização de junho de 2013 demonstra o papel das redes sociais e de uma indignação geral que remonta a mobilizações internacionais ocorridas em outros países como Egito e Turquia. O autor critica a posição adotada por Castells (2013), especificamente, porém reconhece que parte de seu diagnóstico é correto, mas insuficiente para explicar a emergência destas manifestações<sup>8</sup>. Avritzer atribui o ponto de partida das manifestações a outros elementos.

O ponto de partida das manifestações de junho foi a ruptura do campo político da participação social no Brasil, ocorrida entre 2011 e 2013 descrita no capítulo anterior. Essa ruptura foi paulatina e se deu à medida que se acumularam conflitos de movimentos sociais, tais como o ambientalista e indígena, com o governo federal. A motivação seguinte foi a aprovação da legislação para a Copa do Mundo, que gerou muitas críticas e a mobilização de organização que lutam pela reforma urbana, que têm vínculos históricos com o Partido dos Trabalhadores e o governo. Por fim, há o conflito entre o Movimento Passe Livre (MPL) e os governos locais (AVRITZER, 2016, p. 65).

---

<sup>6</sup> *Protesto em São Paulo é o maior desde as manifestações contra Collor*, Folha de São Paulo, 2013. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296834-proteto-em-sao-paulo-e-o-maior-desde-manifestacao-contr-collor.shtml>> Acesso em 13 dez 2018.

<sup>7</sup> “Alguns analistas com muito pouco conhecimento do país ressaltaram o papel das redes sociais de uma indignação geral nessas manifestações” (Leonardo Avritzer, *Impasses da Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização, 2016, p. 65).

<sup>8</sup> “Evidentemente, os aspectos apontados por Castells estiveram presentes nessas manifestações, mas certamente não constituíram o seu ponto fulcral nem explicam sua emergência. Na melhor das hipóteses, podem ser considerados elementos genéricos presentes em todas as formas de manifestação social, o que certamente não lhes fornece um caráter explicativo” (Leonardo Avritzer, *Impasses da Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização, 2016, p. 65).

Avritzer entende que há pelo menos duas diferenças entre as manifestações de 2013 e as grandes manifestações que as sucederam no tempo, Diretas Já e Caras-pintadas. Para o autor as manifestações de junho de 2013 romperam com certo controle midiático, houve um processo de *intermedia agenda setting*, as fontes de informação deixaram de ser exclusivamente a rede aberta e os meios alternativos, principalmente as redes sociais, passaram a ser grande fonte de informação, o que alterou o próprio quadro das autoridades das redes sociais, e consequentemente fez com que os fatos se tornassem pauta da rede aberta, fato que não ocorreu nas duas manifestações anteriormente citadas<sup>9</sup>. A segunda diferença diz respeito a “ruptura do campo participativo e o fato de manifestações contra o PT e o governo também terem ocupado as ruas” (AVRITZER, 2016, p. 65).

Esse foi o fenômeno com maior impacto sobre o sistema político, já que em pelo menos duas situações anteriores – em 2005, com o escândalo do mensalão, e em 2011, durante o julgamento da ação penal 470 –, a oposição política no Brasil mostrou baixíssima capacidade de mobilização. O que mudou em 2013 foi a capacidade de convocação do Movimento Passe Livre, que certamente pertence ao campo acima mencionado, de romper com certo monopólio ou certa interdição da mobilização social. A partir daí houve um espaço livre e fragmentado e disputado que marcou as pautas e as reivindicações dos manifestantes (AVRITZER, 2016, p. 66)

As manifestações de 2013 foram marcadas por pautas diversas, não houve um único apelo social<sup>10</sup>. O espaço público foi novamente ocupado, ocorre

---

<sup>9</sup>“No caso das Diretas Já, a Rede Globo simplesmente ignorou a campanha até a última semana, deixando de cobrir eventos tais como a primeira manifestação na Praça da Sé, ocorrida em janeiro de 1984. No caso do impeachment, a Globo cobriu seletivamente os acontecimentos, aderindo à campanha somente no final. Em junho de 2013, por sua vez, o controle midiático se subordinou a um processo que podemos chamar de *intermedia agenda setting*, ou seja, a mobilização mudou as autoridades das redes sociais, isto é, os sites mais consultados, e estabeleceu uma relação entre elas e os grandes grupos midiáticos formadores de opinião” (Leonardo Avritzer, *Impasses da Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização, 2016, p. 67).

<sup>10</sup> Para citar apenas algumas das pautas que foram levantadas, de acordo com a pesquisa feita por Cicilia Peruzzo, cartazes com o dizeres como: “Vem prá Rua”; “O Brasil acordou”; Não sou *bacon* para morrer queimado (contra a violência); “Contra PEC 37”; Feliciano, a gente não esqueceu!!! Só estamos arrumando uma merda por vez”; “Fora Fifa”; “Juventude que ousa lutar, constrói poder popular”; “Nenhum partido me representa”; “Passe livre”; “Acredite não é só por R\$ 0.20” (Cicilia Peruzzo, *Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”*(?). Revista Matrizes, São Paulo, ano 7, nº 2, jul/dez, 2013, p. 80-81).

que, a mobilização no espaço público não é uma novidade no Brasil e, neste aspecto, uma das afirmações que marcaram as manifestações de junho, “o gigante acordou”, causam estranheza. Paulo Arantes questiona, enquanto o gigante dormia, com que sonhava? Era o sonho de quem sonha acordado e projeta questões para o presente e futuro, “chamado na linguagem coloquial brasileira de *devaneio*” (ARANTES, 2013, s/n) ou era o sonho de quem estava dormindo e rememora o passado? Além disso, quem disse ao povo brasileiro que este é um gigante que dorme? A quem interessa esse sono que descansa em berço esplêndido? O Brasil é um país marcado por revoltas populares, entretanto, a narrativa de um “mito de passividade” faz com que a história do povo brasileiro seja lembrada apenas pela ótica do homem cordial e não pela narrativa de um povo que desde o início conquistou seus direitos através das lutas<sup>11</sup>. O imaginário do “homem cordial<sup>12</sup>” permeia o espaço público, o próprio pensamento oligárquico reforça a ideia de representação do povo em “completo estado de sonolência. Daí as injunções sobre o estado de anestesia do povo, de sua apatia e indiferença. No Brasil, tal pensamento está tão enraizado que o país costuma a se ver a si mesmo como um gigante dormindo” (SAFATLE, 2017, s/n).

Para além desta ideia do gigante que dormia, há outra questão inquietante no que diz respeito as manifestações de junho de 2013 que foi abordada por dois filósofos com aproximações convergentes. Slobodkin Zizek (2013, s/n) colocou a questão nos seguintes termos, “[...] por que é que há problemas no Paraíso, em países prósperos ou que, ao menos passam por um período de rápido

---

<sup>11</sup> A título de exemplo podemos citar a negação do projeto colonial que vem desde a colonização já com os quilombos, as lutas de resistência e libertação que lutaram contra a exclusão social, opressão racial, sistema político vigente e exploração econômica, principalmente na primeira metade do século XIX como a Cabanada no Pará (1835-1840), Alagoas (1832-1835) e Pernambuco (1838-1841), a Balaiada no Maranhão (1838-1841) e Piauí (1838-1841); na Bahia a Revolta dos Malês (1835) e a Sabinada (1837-1838), entre outros (Antônio Escrivão Filho; José Geraldo de Sousa Junior, *Para um debate teórico-conceitual e político sobre os direitos humanos*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016, p. 79-81).

<sup>12</sup> “Já disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o ‘homem cordial’. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal” (Sérgio Holanda, *Raízes do Brasil*, 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p. 176).

desenvolvimento, como a Turquia, a Suécia e o Brasil?” Em outros termos, a questão foi descrita da seguinte forma por Marilena de Chauí, “de onde vieram e por que vieram se os grandes problemas que sempre atormentaram o país (desemprego, inflação, violência urbana e no campo) estão com soluções bem encaminhadas e reina a estabilidade política?” (CHAUÍ, 2013, s/n). Para Zizek (2013) não é possível dar uma única resposta a questão, inclusive, os protestos que ocorreram no Brasil não podem ser vistos de maneira isolada, eles estão situados em âmbito global e foram animados por questões que também animaram outros protestos ao redor do mundo, recentemente.

O que une esses protestos é o fato de que nenhum deles pode ser reduzido a uma única questão, pois todos lidam com uma combinação específica de (pelo menos) duas questões: uma econômica, de maior ou menos radicalidade (de temáticas que variam de corrupção e ineficiência até outras francamente anticapitalistas), e outra político-ideológica (que inclui demandas pela democracia até exigências para a superação da democracia multipartidária usual). E será que o mesmo já não se aplica ao Occupy Wall Street? Sob a profusão (por vezes, confusas) declarações, o movimento Occupy sugere duas ideias básicas: i) o descontentamento com o capitalismo *como sistema* – o problema é o sistema capitalista em si, não a sua corrupção em particular -; e ii) a consciência de que a forma institucionalizada de democracia multipartidária representativa não é suficiente para combater os excessos capitalistas, ou seja, que a democracia tem de ser reinventada (ZIZEK, 2013, s/n).

De forma pontual, analisando principalmente as manifestações que ocorreram em São Paulo, Chauí (2013) afirma que as perguntas feitas são justas, porém não é possível encara-las com perplexidade. Ao contrário do paraíso, no sentido macro mencionado por Zizek (2013), Chauí (2013) menciona o inferno urbano, que tem um olhar micro situado nos centros urbanos, especificamente em São Paulo, e que, resumidamente, apresenta os seguintes problemas, a dificuldade com a mobilidade urbana, por conta da opção pela locomoção em automóveis individuais e não coletivos; a explosão imobiliária que concentra condomínios verticais e horizontais, que produz uma densidade demográfica praticamente incontrolável; a exclusão social que se agrava com as grandes especulações imobiliárias que expulsam os moradores das regiões mais atraentes para investimento e, por fim, o transporte coletivo “indecente, indigno e mortífero”

(CHAUÍ, 2013, s/n). Todas essas dificuldades que privilegiam os interesses privados em detrimento dos interesses públicos são denominadas pela filósofa de inferno urbano e essas inquietações levaram a população novamente às ruas.

As manifestações de 2013 abriram uma “latência do possível” (SAFATLE, 2014), o povo brasileiro passou novamente a ter esperança em um novo horizonte, contudo, a curto prazo, considerando o ano de 2018, esta latência do possível não foi o suficiente para modificar o circuito dos afetos que movimentaram os agentes – e por que não indivíduos? – que mobilizaram e também depositaram esperança nestas manifestações. Neste ponto, é importante enfatizar o termo esperança como horizonte, pois ele determina a possibilidade de um futuro diferente a ser realizado, conforme será explicado no próximo tópico.

Logo no início, houve grande euforia com as manifestações populares, contudo, em meio ao pedido de mudança e renovação, houve uma pauta autoritária e de manutenção do *status quo* patrimonialista do Brasil. Ao grupo de jovens que inicialmente mobilizaram as manifestações, o Movimento Brasil Livre, grupo originariamente de esquerda, juntaram-se outros jovens que pleiteavam a volta do que é velho, antigo.

Em São Paulo, militantes de partidos políticos foram expulsos do ato na Praça da Sé. Mais, em maioria, os jovens nas ruas negam a existência de partidos políticos, quero dizer, negam o direito à existência dessas legítimas expressões da democracia. Em seu lugar, nas ruas levantam bandeiras e lemas velhos, desde a Itália e Alemanha dos anos 30: falam em “nação”, em “pátria”, quando mais próprio deveriam falar no fascínio do fascismo sobre as suas cabecinhas. O movimento, aqui e ali, tem se transformado em algo sujo e excludente, que todos conhecemos como a direita. Em página do Facebook, as múmias da ditadura aproveitam e criam um Golpe Militar 2014, com quase 5.000 pessoas. É essa a primavera brasileira? (MOTA, 2013, s/n)

Apesar do tom inflamado utilizado por Mota (2013) para tratar sobre as pautas conservadoras que foram suscitadas nas manifestações de 2013, a crítica feita é pertinente, assistimos, já em 2013, a volta de um discurso que até então estava escondido, porém não adormecido e principalmente esquecido, talvez corresse a boca miúda, mas não era explícito em praça pública. Esse discurso foi ganhando força nestes últimos anos, e em 2018 houve uma grande greve de caminhoneiros que afetou todo o país, e uma das reivindicações feitas foi a volta do

regime militar. Não se deve ignorar a importância desta greve para o cenário político brasileiro, apesar das reivindicações pela ditadura, ela também aponta para a dinâmica anti-institucional que no Brasil tem sido uma pauta recorrente.

Esta dinâmica anti-institucional pode tanto ir em direção às fantasias paranoicas de um regime forte e ditatorial quanto a um fortalecimento de movimentos de transferência do poder decisório a instâncias imanentes à vontade popular. A história nos mostra que as classes populares, quando assimilam uma dinâmica anti-institucional, podem ir tanto para um extremo quanto para o outro (SAFATLE, 2018, s/n).

Finda a greve dos caminhoneiros e o processo eleitoral para os cargos do executivo federal e estadual, temos um horizonte de invocação do que é velho, travestido de novo na propaganda eleitoral. O presidente eleito, que tem mais de 27 anos de vida política, foi considerado uma aposta nova para o país, no entanto, a pauta pregada pelo presidente eleito é conversadora baseada, principalmente, em questões atinentes aos costumes, como a defesa da família heteronormativa, por exemplo<sup>13</sup>.

As pautas conservadoras que foram levantadas e sustentadas durante as eleições de 2018 são pautas estas totalmente dissociadas com o impulso transformador que originou as primeiras manifestações de 2013. Ao que tudo indica o Brasil não tem assimilado a potência em explosão que os últimos acontecimentos têm proporcionado. Questiona-se então, como chegamos a esse cenário? Por que a latência em explosão de 2013 não foi capaz de modificar o cenário nas eleições de 2018<sup>14</sup>, ao eleger um presidente com uma pauta notadamente conservadora? É este o ponto que trataremos.

### 3 SOBRE REVOLUÇÕES QUE NÃO DÃO CERTO

Uma resposta possível ao cenário que atualmente encontramos diante de nós, foi oferecida por Vladimir Safatle, em sua obra "O circuito dos afetos: corpos

---

<sup>13</sup> Neste ponto, há a observação feita por Safatle em: Vladimir Safatle, *Corrupção e violência*: o que esperar de alguém cujo símbolo é uma arma apontada? Folha de São Paulo, 2018. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2018/10/corruptao-e-violencia.shtml>. Acesso em 13 dez 2018.

<sup>14</sup> Faz-se necessário mencionar que houve uma grande renovação nos cargos do legislativo federal e estadual, poucos foram os políticos reeleitos.

políticos, desamparo e o fim do indivíduo”. E é com base nesta obra que apresentamos uma forma de interpretação do cenário explicitado acima.

Conforme mencionamos, as manifestações de 2013 foram marcadas pela esperança do povo brasileiro, havia a esperança de um novo futuro, apesar de as reivindicações difusas, era aparente o desejo pela mudança “de tudo que estava ali”, seja em termos políticos, econômicos e sociais. Ocorre que, as mudanças poderiam significar tanto o avanço, no sentido de mais direitos, mais liberdade, mais igualdade, como retrocessos, tais como a manutenção de privilégios, a sujeição dos corpos, a volta da “lei e ordem”. Ambos horizontes eram possíveis e estavam disputando o espaço público. De certa forma, pode-se afirmar que os horizontes tinham um elemento em comum que os animava, o afeto que os envolvia era a esperança – esperança de um novo horizonte ou a esperança de manter ou voltar a um *status quo* -, de acordo com Vladimir Safatle, a esperança não constrói agentes políticos capazes de exercer transformação<sup>15</sup>.

Sobre o circuito dos afetos que movem a vida política capaz de produzir transformação e emancipação, Safatle retoma a ideia de Spinoza e afirma que o medo e a esperança não são opostos, antes, eles se encontram na mesma dimensão, há um mesmo tempo fundador que os rege, o medo diz respeito a sinais futuros negativos e a esperança aponta para sinais futuros positivos. “Sempre o tempo da espera que nos retira da potencialidade própria ao instante. Talvez, por isso, o corpo político que a esperança e medo são capazes de produzir seja sempre modalidade de um corpo político providencial” (SAFATLE, 2018, p. 21). Justamente

---

<sup>15</sup> “A perspectiva freudiana não é, no entanto, apenas a expressão de um desejo em descrever fenômenos sociais a partir da intelecção de seus afetos. Freud quer também compreender como afetos são produzidos e mobilizados para bloquear o que normalmente chamaríamos de ‘expectativas emancipatórias’. Pois a vida psíquica que conhecemos, com suas modalidades de conflitos, sofrimentos e desejos, é uma produção de modos de circuitos de afetos. Por outro lado, a própria noção de ‘afeto’ é indissociável de uma dinâmica de imbricação que descreve a alteração produzida por algo que parece vir do exterior e que nem sempre é constituído como objeto da consciência representacional. Por isso, ela é a base para a compreensão tanto das formas de *instauração sensível da vida psíquica* quanto da natureza social de tal instauração. Fato que nos mostra como, desde a origem: ‘o *socius* está presente no Eu’. Ser afetado é instaurar a vida psíquica através da forma mais elementar de sociabilidade, essa sociabilidade que passa pela *aisthesis* e que, em sua dimensão mais importante, constrói vínculos inconscientes” (Vladimir Safatle, *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2 ed. ver.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 38).

por isso, o afeto que anima o corpo político deve ser outro que não o medo e a esperança.

A sociedade brasileira tem se construído, consolidado e se unificado com base no medo, o medo é um elemento de coesão social, no entanto, o medo como elemento de coesão social não produz emancipação, muito pelo contrário, ele apenas indica a alienação para que seja possível a manutenção do poder. Safatle (2018, p. 43) retoma essa ideia de Hobbes, que “descreve como o aparecimento histórico de uma sociedade de indivíduos liberados de toda forma de lugar natural ou de regulação coletiva predeterminada só pode ser compreendido como o advento de uma ‘sociedade de insegurança total’”.

Contra a destrutividade amedrontadora desse excesso que coloca os indivíduos em perpétuo movimento, fazendo-os desejar o objeto de desejo do outro, levando-os facilmente à morte violenta, faz-se necessário o governo. O que demonstra como a possibilidade mesma de estabelecer relações através de contratos que determinem lugares, obrigações, previsões de comportamentos, estariam vinculados à circulação do medo como afeto instaurador e conservador de relações de autoridade. Esse medo teria a força de estabilizar a sociedade e bloquear o excesso das paixões (SAFATLE, 2018, p. 43).

Um dos grandes lemas do atual presidente Jair Bolsonaro durante sua campanha foi a segurança não só física, que fez com que o, então presidencial, defendesse o porte de arma “para garantir o direito à legítima defesa a quem chama de ‘cidadão de bem’” (GLOBO, 2018, s/n), como também a manutenção de políticas que defendam apenas a heteronormatividade.

O medo como afeto político central cria a necessidade de uma figura que ampare a sociedade e lhe proteja do perigo que está sempre à espreita, Jair Bolsonaro significa isso para boa parte da população, as afirmações polêmicas são brincadeiras quando não caem no gosto popular e são verdades quando convém, não é possível saber o que pode ou não ser levado a sério. O presidencial Jair Bolsonaro procurou vender a imagem do líder que trará segurança e ordem ao “caos” que se tornou o Brasil democrático, ainda que para isso, períodos antidemocráticos fossem exaltados em sua fala. O medo como afeto político central transforma o vazio do poder, em um lugar a ser ocupado por alguma figura que garantiria a coesão social.



Da mesma forma, é fundamental que a segurança seja elevada à questão política central, como se fosse possível, após algumas eliminações e ações mais duras construir uma espécie de sociedade da segurança total, um 'paraíso da tolerância zero', como se nosso objetivo fosse uma verdadeira 'democracia de condomínio fechado'. Não seria vão se perguntar sobre a estrutura libidinal dos que precisam acreditar nesse tipo de sociedade, de paraíso e de democracia. Só que, atualmente, há poucos atores sociais dispostos a lembrar que não há sociedade de segurança total (a não ser nas ficções científicas mais distópicas), nem a tolerância zero é um paraíso (SAFATLE, 2018, p. 76).

Conforme visto, o medo não produz mudança, ele apenas propaga falsas ideias de um futuro seguro, um paraíso possível. Safatle afirma, com base em Freud, que o afeto capaz de produzir emancipação social é o desamparo, somente quando o sujeito se vê totalmente livre de seus predicados há a possibilidade de se tornar um agente político capaz de transformar<sup>16</sup>.

Mas se, para Freud, admitir a vulnerabilidade do desamparo é condição fundamental para emancipação social, isso ocorre porque não se trata aqui de uma experiência de resignação diante da vulnerabilidade, de demanda de cuidado por figuras protopaternas de autoridade ou uma experiência de exploração política contínua do medo. O que temos em Freud é uma maneira de pensar os caminhos da afirmação do desamparo, com sua *insegurança ontológica* que pode nos levar à conseqüente redução de demandas por figuras de autoridade baseadas na constituição fantasmática de uma força soberana ou mesmo por crenças providenciais a orientar a compreensão teleológica de processos históricos. O desamparo nos mostra como a ação política é ação sobre o fundo de insegurança ontológica (2018, p. 54).

Safatle prossegue seu raciocínio e admite que as condições para emergência de sujeitos político foram descritas por Marx através de um horizonte impessoal e antipredicativo, que se mostra na figura do proletariado. Deve-se resgatar dos conceitos de Marx o que se pode descrever como "função ontológica"

---

<sup>16</sup>"Toda ação política é inicialmente uma ação de desabamento e só pessoas desamparadas são capazes de agir politicamente" (Vladimir Safatle, *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2 ed. ver.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 50).

do proletariado. O proletariado é marcado pela “absoluta despossessão”, não há qualquer predicado que possa ser atribuído ao proletariado. Ele não significa uma classe de trabalhadores assalariados que não tem propriedade, eles sequer têm predicados que os defina. “Sua única possessão é a capacidade de procriar e ter filhos. Reduzidos assim à condição biopolítica mais elementar, à condição de reprodutor da população, os proletários representam o que não se conta” (SAFATLE, 2018, p. 231).

O proletariado é regido pelo desamparo e justamente por isso tem potência para realizar revoluções, não há no proletariado qualquer expectativa de um retorno possível, pois não há qualquer horizonte que se vincule ao seu passado ligado à despossessão. “Ele é uma heterogeneidade que simplesmente não pode ser integrada sem que sua condição passiva se transforme em atividade revolucionária” (SAFATLE, 2018, p. 236). Contudo, Safatle destaca um outro tipo de sujeito que é o lumpemproletariado, este pode se constituir “no baixo nível do estrato social e no alto nível, sendo o do alto nível perfeitamente enraizado à escroqueria funcional do capitalismo financeiro” (SAFATLE, 2018, p. 235). O filósofo ainda afirma sobre o lumpemproletariado, que:

O que os une é, na verdade, uma certa concepção de improdutividade, uma diferenciação entre trabalho produtivo e improdutivo, *diferenciação esta concebida do ponto de vista da produtividade dialética da história*. Pois o lumpemproletariado é uma massa desestruturada cuja negatividade não se coloca como contradição em relação às condições do estado atual da vida. Nesse sentido, ele é a representação social da categoria da negatividade improdutiva. Por isso, trata-se de uma massa social heterogênea que ganha homogeneidade desde que encontre um termo unificador que lhe dará estabilidade no interior da situação política existente (SAFATLE, 2018, p. 235).

O lumpemproletariado não tem força revolucionária, não há nada de novo que possa ser criada a partir da homogeneidade que os liga, a partir do termo que o unifica, muito pelo contrário, este termo unificador que produz a estabilidade daquilo que os une, aponta para um passado, uma situação que poderia voltar a ser. Não é o desamparo que os despossui e obrigada a criar o novo a partir daquilo que não existe e não é, e por isso é possível; podemos dizer que a nostalgia do paraíso perdido os une e clama pela volta de predicados que não mais encontram

correspondência nesses estratos sociais, mas que um dia já lhes pertenceram. Sendo assim, o que esta classe procura é o retorno de algo e não o novo.

*Lança-se em parte a experiências doutrinárias, bancos de intercâmbio e associações operárias, ou seja, a um movimento n qual renuncia a revolucionar o velho mundo com ajuda dos grandes recursos que lhe são próprios, e tenta, pelo contrário, alcançar sua redenção independentemente da sociedade, de maneira privada, dentro de suas condições limitadas de existência, e, portanto, tem por força que fracassar (MARX, 1997, p. 30).*

Ratificando a ideia de movimentos que não revolucionam, não criam o novo, Marx nos lembra que existem revoluções que fracassam, na obra “O 18 de Brumário de Luís Bonaparte”, Karl Marx trata sobre o golpe de Estado que levou Luís Bonaparte ao poder. Apesar dos movimentos iniciais de 1848 que apontavam para o início de uma revolução, a potência de um novo possível se perdeu no ar, houve a passividade da classe operária diante dos acontecimentos e o proletariado não teve força para realizar a revolução. Um novo horizonte não se instalou e o proletariado preferiu acreditar na recondução de um lugar na ordem existente<sup>17</sup>.

Pode-se afirmar que quando não há a modificação dos afetos que circulam, perde-se a potência do que poderia vir a ser e assim, há revoluções que começam mas não revolucionam, pelo contrário, podem servir para a instauração do que já foi, de um passado que aparentemente havia sido superado mas, na verdade, estava apenas dormente, à espreita para voltar a ser.

---

<sup>17</sup> “Do lado do proletariado de Paris não havia senão ele próprio. Mais de três mil insurretos foram massacrados depois da vitória e quinze mil foram deportados sem julgamento. Com essa derrota o proletariado passa para o fundo da cena revolucionária. Tenta readquirir o terreno perdido em todas as oportunidades que se apresentam, sempre que o movimento parece ganhar novo impulso, mas com uma energia cada vez menor e com resultados sempre menores. Sempre que uma das camadas sociais superiores entra em efervescência revolucionária o proletariado alia-se a ela e, conseqüentemente, participa de todas as derrotas sofridas pelos diversos partidos, uma depois das outras. Mas esses golpes sucessivos perdem sua intensidade à medida que aumenta a superfície da sociedade sobre a qual são distribuídos” (Karl Marx, *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 29-30).

#### 4 CONCLUSÃO

As manifestações de 2013 de fato apresentaram uma latência em explosão, várias foram as pautas suscitadas na esfera pública, elas tiveram cunho de indignação com a política, com o que tem sido feito do público, entre outras questões. Contudo, as manifestações também deram azo ao outro extremo, que clamou pela volta da ditadura militar, que reafirmou a moral e os bons costumes hegemônicos, que procurou silenciar as diferentes, tirou da esfera pública os partidos políticos, sob a falsa alegação de que ali eles não teriam espaço. Tivemos a chance de produzir uma revolução, mudar os horizontes, alterar a forma como a circulação de afetos ocorre, mas não fizemos.

A população se aquietou assim que algumas das demandas foram supridas, houve um momento de agitação que foi seguido da passividade, aqueles que reivindicavam a partir do nada, que falavam a partir da despossessão e do desamparo, não tiveram força para produzir o novo. A greve dos caminhoneiros reafirmou a explosão em latência, Safatle nos lembrou que, novamente, poderíamos ser conduzidos para caminhos opostos, deste a percepção do povo de sua força decisória, quanto ao fortalecimento do regime, preferimos o segundo.

O Brasil continua a ser animado pelo medo, medo de pautas progressistas que privilegiam a diversidade, medo da violência, medo de que privilégios sejam extirpados, medo de um futuro diferente. Durante as eleições, um dos discursos que animavam a candidatura de Jair Bolsonaro era de que a esquerda implementaria uma ditadura no país, contudo, os mesmos que tinham medo da ditadura da esquerda, não se importavam com a possibilidade de uma ditadura da direita, as eleições de 2018 mostraram grandes incoerências que também circundam nossa sociedade. É justamente o constante medo que anima boa parte do apoio a pautas conservadoras que fez com que potências em explosão caminhassem para o lado oposto ao da revolução.

Voltando a nossa introdução, temos que a sociedade retratada na estória de V de Vingança também se sujeitava e subordinava ao governo radical que lhes era imposto por conta do medo, medo de que os terroristas tomassem conta do governo, em outras palavras, medo da violência. Entretanto, quando um personagem foi liberto de todos seus predicados e viu apenas a sua frente, a

desposseção, ele foi capaz de produzir o novo, produzir uma revolução e animar o povo a fazer o mesmo. V buscou mudar as formas como os afetos circulavam e com isso levou o povo às ruas com máscaras iguais a que V usava. Como dito no início, esse espírito também estava presente nas manifestações de 2013.

É possível que ocorram outros eventos que abram novas possibilidades, contudo, enquanto não nos tornarmos agentes políticos capazes de revolução e transformação, nada de novo será criado, aqueles que poderiam provocar mudanças se acomodaram quando algumas das suas expectativas foram saciadas, provamos estar sonhando o sono da noite, aquele que rememora o passado, nosso devaneio não foi forte suficiente para nos mostrar quem somos. O desamparo, de fato, pode levar à revolução, o povo brasileiro ainda precisa se reconhecer enquanto sujeito capaz de transformação e para isso devemos mudar os afetos que nos movem e caminhar em outra direção que não o retorno do mesmo.

#### **BIBLIOGRAFIA**

ARANTES, Paulo. *Tarifa zero e mobilização popular*, Boitempo, 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/03/tarifa-zero-e-mobilizacao-popular/> Acesso 13 dez 2018.

AVRITZER, Leonardo. *Os Impasses da Democracia no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2016.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CHAUÍ, Marilena. *O inferno urbano e a política do favor, tutela e cooptação*. Boitempo, 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/28/o-inferno-urbano-e-a-politica-do-favor-tutela-e-cooptacao/> Acesso em 13 dez 2018.

CUNHA, Gabriela Nogueira. *Ideias são à prova de balas*. Disponível em: <<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=537>> Acesso em 13 dez 2018.

ESCRIVÃO FILHO, Antônio; SOUSA JUNIOR, José Geraldo. *Para um debate teórico-conceitual e político sobre os direitos humanos*. Belo Horizonte: Editora D'Plácido, 2016.

FLAMINI, Roland. *Still Here: The case of British Catholics*. World Affairs, vol. 173, nº 6, march/april 2011, p. 37-45.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*, 27 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MARX, Karl. *O 18 brumário e cartas a Kugelmann*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MEDEIROS, Estefani. *Criador de “V de Vingança”, Alan Moore diz que “é maravilhoso o que está acontecendo no Brasil*. UOL. Disponível em: <<https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/29/o-que-estao-fazendo-e-maravilhoso-diz-allan-moore-sobre-protestos-no-brasil.htm>> Acesso 13 dez 2018.

MOTA, Urariano. *A direita nos protestos*. Boitempo, 2013. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2013/06/25/a-direita-nos-protestos/>> Acesso em 13 dez 2018.

PERUZZO, Círcia M. Krohling, *Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no juho em que “o gigante acordou”(?)*. Revista Matrizes, São Paulo, ano 7, nº 2, pp. 73-93, jul/dez, 2013.

*Protesto em São Paulo é o maior desde as manifestações contra Collor*. Folha de São Paulo, 2013. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1296834-protesto-em-sao-paulo-e-o-maior-desde-manifestacao-contr-collor.shtml>> Acesso em 13 dez 2018.

ROMANCINI, Richard. *Do “Kit Gay” ao “Monitor da Doutrinação”*: a reação conservadora no Brasil. *Contratempo*, Niterói, v. 37, n. 02, pp. 87-108, ago/nov 2018.

SAFATLE, Vladimir, *Manifestações como as de 2013 provavelmente se repetirão*, Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2017/09/1914638-manifestacoes-como-as-de-2013-provavelmente-se-repetirao.shtml>> Acesso em 13 dez 2018.

\_\_\_\_\_, Vladimir. *Corrupção e violência*: o que esperar de alguém cujo símbolo é uma arma apontada? Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2018/10/corruptcao-e-violencia.shtml>>. Acesso em 13 dez 2018.

\_\_\_\_\_, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. 2 ed. ver.; 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

\_\_\_\_\_, Vladimir. *“O Brasil sofre de transtorno bipolar”*. GAUCHAZH. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/06/Vladimir-Safatle-O-Brasil-sofre-de-transtorno-bipolar-4520206.html>> Acesso em 13 dez 2018.

SAFATLE, Vladimir. *Temendo o povo*: a derrubada do governo por pressão grevista seria um processo civilizatório. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <  
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/vladimirsafatle/2018/06/temendo-o-povo.shtml>> Acesso em 13 dez 2018.

*Saiba mais sobre as propostas de Bolsonaro e Haddad relativas a armas de fogo*. O Globo, 2018. Disponível em:  
<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/17/saiba-mais-sobre-as-propostas-de-bolsonaro-e-haddad-relativas-a-armas-de-fogo.ghtml>  
Acesso em 13 dez 2018.

ZIZEK, Slavoj. *Problema no Paraíso*: artigo de Slavoj Zizek sobre as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. Boitempo, 2013. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2013/07/05/problemas-no-paraiso-artigo-de-slavoj-zizek-sobre-as-manifestacoes-que-tomaram-as-ruas-do-brasil/>. Acesso em 13 dez 218.